

PÓS-MODERNISMO EM XEQUE: ALAN SOKAL E JEAN BRICMONT EM IMPOSTURAS INTELECTUAIS

André Assi Barreto¹
Universidade de São Paulo (USP)
 <https://orcid.org/0000-0001-6771-7880>

RESUMO:

Os físicos Alan Sokal e Jean Bricmont publicaram, em 1998, o livro *Imposturas Intelectuais*. Na obra, os dois criticam inúmeros autores pós-modernos, apontando deficiências no raciocínio destes filósofos e cientistas sociais e apontam também as falhas do relativismo epistêmico predominante nestes autores. A realização do livro foi motivada por um artigo publicado em 1996, num periódico americano chamado *Social Text*, onde Sokal fingiu-se defensor do pós-modernismo, escrevendo sem rigor lógico e defendendo o relativismo. Depois, Sokal revelou a todos que se tratava de uma brincadeira. Nosso propósito é apresentar toda a problemática e analisar as teses dos físicos.

PALAVRAS-CHAVE: Pós-modernismo; Relativismo; Epistemologia; Filosofia da ciência; Física.

POSTMODERNISM IN QUESTION: ALAN SOKAL AND JEAN BRICMONT IN INTELLECTUAL IMPOSTURES

ABSTRACT:

The physicists Alan Sokal and Jean Bricmont published in 1998, the book *Intellectual Impostures*. In the work, both of them criticize numberless postmodern authors, pointing out the deficiencies of the reasonings of these philosophers and social scientists and also the failures of the epistemic relativism, predominant in these authors. The achievement of the book was motivated by a paper published in 1996, in an american periodical named *Social Text*, where Sokal pretended to be a defender of postmodernism, writing without logical rigor and advocating the relativism. Later, the own Sokal revealed to everyone that was a joke. Our purpose is to present the

¹ Mestrando em Filosofia pela Universidade de São Paulo (USP), São Paulo - Brasil. O presente artigo é resultado de seminário elaborado com o propósito de ser apresentado no grupo de estudos de História e Filosofia da Ciência da Universidade São Judas, liderado pela professora doutora Sônia Maria Dion. E-mail: andre.assibarreto@gmail.com

whole issue and analyze the physicists' thesis.

KEY WORDS: Postmodernism; Relativism; Epistemology; Philosophy of science; Physics;

Introdução

Os físicos Alan Sokal² e Jean Bricmont³ publicaram em 1998, o livro *Imposturas Intelectuais*. Nele, os dois criticam inúmeros autores pós-modernos, apontando deficiências no raciocínio destes filósofos e cientistas sociais e expõem também as falhas do relativismo epistêmico predominante nestes autores. Neste artigo apresentaremos as críticas feitas pelos físicos em seu livro, as teses dos autores, além de sua motivação dos autores para produzir a obra. Nosso primeiro movimento será o de analisar a motivação dos físicos para a elaboração do livro; trata-se do artigo de Sokal na revista *Social Text*.

O artigo na *Social Text*

A ideia para o livro surgiu de uma brincadeira. Trata-se do texto de Sokal intitulado *Transgredir fronteiras: por uma hermenêutica transformadora da gravidade quântica* (1996) publicado na revista norte-americana *Social Text*. O texto consiste numa paródia dos textos pós-modernos, que tornaram-se populares nos últimos anos. Sokal o enviou para os editores da revista, a princípio, apenas para ver se a publicação seria aceita. O texto continha inúmeros absurdos, além de ter sido elaborado sem nenhum rigor lógico e propor um relativismo cognitivo radical:

Começava ridicularizando o 'dogma', já superado, segundo o qual 'existe um mundo exterior, cujas propriedades são independentes de qualquer ser individual e inclusive da humanidade em seu conjunto' para proclamar de modo categórico que 'a 'realidade' física, da mesma maneira que a 'realidade' social, não passa de uma construção linguística e social'. A seguir, mediante uma série de saltos lógicos desconcertantes, chegava a conclusão de que o π de Euclides e o G de Newton, que antigamente acreditava-se que eram constantes e universais, são agora percebidas na sua historicidade (SOKAL; BRICMONT, 1999, p. 19 e 20, tradução nossa).

Mesmo assim, o artigo foi aceito e publicado sem nenhuma revisão. Mas o fato ainda mais irônico foi que o artigo saiu em uma edição especial da *Social Text*,

² Alan David Sokal é professor de matemática no [University College London](http://www.ucl.ac.uk) e professor de física na New York University, seus principais trabalhos nessas áreas são na mecânica estatística e combinatória. E também é conhecido por suas críticas ao pós-modernismo (escopo deste trabalho), resultando no "Sokal affair".

³ Jean Bricmont é um físico teórico e filósofo da ciência belga. É professor da Université Catholique de Louvain. Seus trabalhos principais são em renormalização e equações diferenciais não-lineares.

dedicada a rebater as críticas feitas por cientistas contra o pós-modernismo e o construtivismo social.

Pouco depois o próprio Sokal se encarregou de revelar a brincadeira, suscitando um grande escândalo na imprensa popular e nas publicações acadêmicas anglófonas e francesas.

Entretanto, para os autores, o maior problema não foi a reação da imprensa, mas sim o conteúdo da paródia:

Se se analisa com maior profundidade, se observa que se construiu a partir de citações de eminentes intelectuais franceses e norte-americanos sobre as possíveis implicações filosóficas e sociais das ciências naturais e da matemática; citações absurdas ou carentes de sentido, mas que, não obstante, eram autênticas (SOKAL; BRICMONT. *Imposturas Intelectuales*, 1999, p. 21, tradução nossa).

Buscando uma análise mais profunda dos autores e textos citados no polêmico artigo, Sokal uniu-se a Bricmont e estes organizaram o livro *Imposturas Intelectuais*, cujas teses principais serão aqui comentadas.

As teses: o uso indevido de linguagem científica e a crítica ao relativismo epistêmico

As duas teses demonstradas no *Imposturas Intelectuais* são: a) mostrar que grandes intelectuais da Filosofia e das Ciências Sociais têm feito uso indevido de terminologia científica e que seus textos, ao incorporarem o jargão da física e da matemática às pesquisas que concernem às ciências humanas, perdem sentido e b) questionar a validade do relativismo epistêmico (também presente nos autores pós-modernos) e o uso indevido da Filosofia da Ciência em sua justificação.

O diálogo com os pós-modernos

Nos capítulos 1, 2, 4, 5, 7, 8, 9 e 10, Sokal e Bricmont abrem diálogo com as principais figuras do pós-modernismo, apresentando textos destes autores e questionando suas ideias.

Vejamos como os dois definem sua própria tarefa nos capítulos citados:

Mostramos que famosos intelectuais como Lacan, Kristeva, Irigaray, Baudrillard e Deleuze empregam reiteradamente, de forma abusiva, diversos conceitos e termos científicos, seja utilizando ideias científicas tiradas por completo de contexto, sem justificar minimamente este procedimento – fique claro que não estamos contra a extrapolação de conceitos de um campo do saber a outro, mas sim contra a extrapolação sem base argumentativa – lançando aos seus leitores não cientistas montes de termos próprios do jargão científico, sem se preocupar se são pertinentes e nem mesmo se fazem sentido. Com isso não pretendemos invalidar toda a sua obra, posto que sobre isso suspendemos o juízo (SOKAL; BRICMONT, 1999, p. 14, tradução nossa).

Toda a tarefa foi aqui definida: provar conclusivamente como e porquê os

autores denominados pós-modernos fazem uso indevido do linguajar científico em seus textos, sem fornecer qualquer justificção. O que faremos então, será seguir o itinerário do *Imposturas Intelectuais*, apontando como os físicos operaram para provar o que aqui afirmaram e dessa forma, mostrar em definitivo o que pretendem, as imposturas pós-modernas.

Ambos ainda fazem um esclarecimento mais profundo, dizendo o que eles entendem por emprego abusivo; trata-se de:

1. Falar prolixamente de teorias científicas e empregar sua terminologia sem se preocupar com seu significado;
2. Incorporar noções das ciências naturais às ciências humanas, sem nenhuma justificção;
3. Mostrar erudição, lançando mão de uma avalanche de termos técnicos em um contexto que resultam absolutamente inconsequentes com objetivo de impressionar e intimidar o leitor que não é cientista;
4. Manipular frases sem sentido com plena indiferença pelas palavras.

A crítica ao relativismo epistêmico

Reservou-se ao capítulo 3 a questão do relativismo epistêmico, sua presença na obra dos autores pós-modernos e sua justificção por parte destes autores a partir dos conceitos da Filosofia da Ciência.

Nas palavras dos autores:

Um segundo alvo de ataque do nosso livro é o 'relativismo epistêmico', a saber, a ideia de que – ao menos quando expressa abertamente, está muito mais estendida no mundo anglófono que na França – segundo a qual a ciência moderna não é mais que um “mito”, uma “narração” ou uma “construção” entre muitas outras. (...) deslindaremos um certo número de confusões bastante frequentes nos círculos pós-modernos e de estudos culturais: por exemplo, a apropriação indevida de ideias procedentes da filosofia da ciência, tais como a subdeterminação da teoria pelas evidências ou a dependência que a observação tem da teoria, tudo com o propósito de apoiar o relativismo radical (SOKAL; BRICMONT, 1999, p. 19, tradução nossa).

Ou seja, após mostrarem o abuso da linguagem científica pelos pós-modernos, o segundo alvo de Sokal e Bricmont é o relativismo característico da modernidade – como mostraram os autores – a ideia de que não há nada de essencialmente verdadeiro, incluindo a ciência moderna; ela só seria nosso mito atual e favorito, sem qualquer valor objetivo ou universal. Segundo os dois, muitos autores pós-modernos tentam sustentar esse seu relativismo radical em teses da filosofia da ciência, como a subdeterminação da teoria pela evidência (tese conhecida como de Duhem-Quine), a incomensurabilidade dos paradigmas de Thomas Kuhn e o “tudo vale” de Paul Feyerabend.

Jacques Lacan, Luce Irigaray, Gilles Deleuze e Felix Guattari: o mau uso da ciência

Antes de expor detalhadamente as críticas de Sokal e Bricmont, vejamos o que estes entendem por “pós-modernismo”, para que assim entendamos como os autores procederam para escolher os filósofos e cientistas sociais com que dialogaram. Eis o que ambos escrevem:

[O pós-modernismo é] uma corrente intelectual caracterizada pela rejeição mais ou menos explícita da tradição racionalista da Ilustração, através de elaborações teóricas desprovidas de qualquer prova empírica, e por um relativismo cognitivo e cultural que considera que a ciência não é nada mais que uma “narração”, um “mito” ou uma construção social (SOKAL; BRICMONT, 1999, p. 19, tradução nossa).

É sobre essa corrente de pensamento, que engloba o uso reiterado e abusivo do jargão científico e milita um relativismo radical, que atende pela alcunha de pós-modernismo, que Sokal e Bricmont estabelecem o norte de sua crítica.

Isso posto, o primeiro autor pós-moderno com que Sokal e Bricmont abrem diálogo é o psicanalista francês Jacques Lacan⁴.

Jacques Lacan e os números imaginários

Lacan, um psicanalista renomado, do calibre de Freud e Jung, constitui para nossos autores um exemplo típico dos abusos previamente citados, neste caso específico, abuso da matemática.

Para Sokal e Bricmont, Lacan tinha um apreço especial pela linguagem matemática: “já nos anos cinquenta, seus escritos estavam repletos de gráficos, fórmulas e algoritmos” (SOKAL; BRICMONT, 1999, p. 36, tradução nossa).

Ainda mais interesse Lacan apresentava pelos números imaginários⁵; para Lacan, os números imaginários teriam um papel psicanalítico. Vejamos a citação que ilustra isso:

Da minha parte, começarei pelo que se articula na sigla $S(0)$, que é, antes de tudo, um significante (...) E posto que a bateria de significantes, enquanto tal, é por isso mesmo completa, este significante não pode ser mais que um traço que surge desde seu círculo sem que se possa contar como parte dele. Pode simbolizar-se mediante a inerência de um (-1) no conjunto total dos significantes.

Como tal, é impronunciável, mas sua operação não é, já que esta é a que se produz cada vez que é pronunciado um nome próprio. Seu enunciado se iguala a seu significado.

⁴ Jean-Jacques Émile Lacan (1901-1981) foi um psicanalista francês. Formou-se em medicina, passou da neurologia à psiquiatria. Teve contato com a psicanálise através do surrealismo e propunha um retorno a Freud (já que no entender de Lacan, os pós-freudianos haviam se desviado do mestre).

⁵ Os números imaginários (ou complexos) surgem como uma extensão dos números reais. Seu conjunto representa-se pelo C e define-se como sendo $C = \{z = a + ib : a, b \in R \text{ e } i^2 = -1\}$.

Assim, calculando esse significado segundo o método algébrico que utilizamos, temos:

$$\frac{S \text{ (significante)}}{s \text{ (significado)}} = s \text{ (enunciado)}$$

sendo $S = (-1)$, dá como resultado: $s = \text{raiz de } -1$ (SOKAL; BRICMONT *apud* LACAN, 1999, p. 42, tradução nossa).

Os problemas da “matemática” lacaniana são diversos. Pressupondo que a álgebra do psicanalista tivesse algum sentido, “significante”, “significado” e “enunciado” não são números e a barra horizontal não indica divisão. Assim, Sokal e Bricmont concluem que os “cálculos” lacanianos são pura fantasia. Mas o uso da álgebra por Lacan continua:

Não há dúvida de que Claude Lévi-Strauss, comentando Mauss, quis reconhecer o efeito de um símbolo zero. Mas, em nosso caso, parece tratar-se do significante da falta do dito símbolo zero. E por isso indiquei sob o risco de atrair sobre nós certo grau de opróbrio, até onde levamos a distorção do algoritmo matemático para adaptá-lo a nosso uso: o símbolo [raiz de -1], que todavia se representa mediante a letra *i* na teoria dos números complexos, só se justifica, evidentemente, pelo fato de não aspirar a nenhum automatismo em seu uso subsequente.

(...)

É assim como o órgão erétil vem a se simbolizar no lugar do prazer, não em si mesmo, nem sequer em forma de imagem, mas como parte que falta na imagem desejada: daí que seja equivalente a [raiz de -1] do significado obtido acima, do prazer que restitui, através do coeficiente de seu enunciado, à função de falta de significante: (-1) (SOKAL; BRICMONT *apud* LACAN, 1999, p. 42 e 43, tradução nossa).

Podemos ver que as observações de Sokal e Bricmont realmente têm fundamento, pois

texto de Lacan é obscuro⁶, além de pretender associar nosso órgão erétil à raiz de -1! O mau emprego da matemática prossegue sendo exposto ao longo do capítulo 1 em outros textos de Lacan.

No final do capítulo, os autores concluem que “a matemática de Lacan é tão fantasiosa que não pode desempenhar nenhum papel útil em uma análise psicológica séria” (SOKAL; BRICMONT, 1999, p. 50, tradução nossa) e que as analogias de Lacan “entre a psicanálise e a matemática alcançam o sumo da arbitrariedade” (*id.*, *ibid.*, p. 51, tradução nossa). E ainda estabelecem uma crítica, que os defensores de Lacan poderiam levantar, a estratégia do nem/nem, segundo a qual os escritos lacanianos não devem ser interpretados nem como científicos, nem como filosóficos, nem como poéticos, nem... E assim parece que os textos lacanianos adquiriram um caráter críptico, combinando jogos de palavras e a sintaxe fraturada, e servindo de base para a exegese reverente de seus discípulos.

⁶ O texto editado originalmente do francês, foi vertido para o inglês, deste para o espanhol (edição utilizada); a tradução em português, de nossa autoria, procurou ficar o mais próximo possível do manuscrito original.

Luce Irigaray e a física masculinizada

Luce Irigaray⁷ é uma autora pós-moderna que, não contente com considerar as leis da Física como construções, considera-as como construções feitas por homens machistas almejando a supremacia de seu sexo perante o sexo feminino. Vejamos o que a autora diz sobre a famosa equação einsteniana $E = mc^2$:

A equação $E = mc^2$ é uma equação sexuada? Talvez. Consideremos a hipótese como afirmativa na medida em que se privilegia a velocidade da luz sobre outras velocidades que são vitais para nós. O que me faz pensar na natureza sexuada da equação não é, diretamente, sua utilização nos armamentos nucleares, mas por ter se privilegiado a que vai mais depressa (SOKAL; BRICMONT, 1999, p. 116, tradução nossa).

O que quer que seja considerado, a questão é que a equação já foi verificada com extrema precisão.

Sokal e Bricmont elege a superficialidade como problema também no discurso de Irigaray. Eles reconhecem que a influência de fatores culturais, ideológicos e sexuais nas produções de teorias científicas constitui um importante objeto de investigação, se feito por alguém que conheça bastante detalhadamente os âmbitos científicos sujeitos a análise, e este não é o caso de Irigaray.

Outra especialidade de Irigaray é mostrar a construção masculinizada da mecânica dos fluídos, em especial, a supremacia da solidez (que representa a masculinidade, segundo Irigaray) frente os fluídos (que representam a feminilidade).

Sokal e Bricmont bebem dos textos da própria Irigaray, mas dada sua obscuridade, recorreram a um texto de uma seguidora de Irigaray, explicando as teorias da mestra intelectual. A título de objetividade, partamos também, diretamente para o texto de Hayles:

[Irigaray] atribui à associação de fluidez com feminilidade o privilégio outorgado à mecânica dos sólidos sobre a dos fluidos e a incapacidade da ciência para tratar dos fluxos turbulentos em geral. Enquanto que o homem tem órgãos sexuais protuberantes e rígidos, a mulher os tem abertos e por eles se filtra o sangue menstrual e os fluídos vaginais. Ainda que o homem, em certas ocasiões, também libere fluídos, por exemplo, quando ejacula o sêmen, este aspecto de sua sexualidade não se tem muito em conta. O que conta é a rigidez dos órgãos masculinos, não sua cumplicidade no fluxo de fluídos. Estas idealizações são reinscritas na matemática, que concebem os fluidos como planos laminados e outras formas sólidas modificadas. Do mesmo modo que as mulheres ficam apagadas nas teorias e na linguagem masculina e existem apenas como não-homens, os fluidos também foram apagados da ciência e existem apenas como não-sólidos. Dada esta perspectiva, não é surpreendente que a ciência não tenha conseguido traçar um modelo válido da turbulência. O

⁷ Luce Irigaray (1932-) é uma filósofa e feminista belga. Seus trabalhos também abrangem psicanálise e linguística.

problema do fluxo turbulento não pode ser resolvido porque as concepções acerca dos fluidos (e da mulher) foram formulados para deixar necessariamente resíduos inarticulados (SOKAL; BRICMONT *apud* HAYLES, 1999, p. 117, tradução nossa).

Ou seja, segundo a autora, a mecânica dos fluidos não goza da mesma credibilidade, precisão e desenvolvimento que a mecânica dos sólidos, e isso, de acordo com a autora, se deve ao fato de uma estar associada à feminilidade e a outra à masculinidade e não às dificuldades inerentes à pesquisa no ramo em questão, no caso, a mecânica dos fluidos.

O que Irigaray ignora é a complexidade da mecânica dos fluidos. A área tem muitos problemas a serem resolvidos. As equações deste ramo da física são extremamente complexas, pois têm de lidar com algumas variáveis sobre as quais não se tem controle; os problemas da compreensão e resolução de problemas nesse campo se devem a isso e não a uma insistência dos físicos em masculinizar a área.

Gilles Deleuze e Felix Guattari

Estes dois autores franceses⁸ foram analisados em conjunto, por terem escrito ao menos vinte livros de filosofia, onde predomina, segundo nossos autores, uma falta absoluta de clareza e transparência. Poderia se alegar que os textos são demasiadamente profundos, mas quando se analisa com atenção, observa-se uma avalanche de termos científicos fora de contexto e sem nexo lógico, além de termos técnicos com sentido estrito, que só adquirem significado em seu contexto. Vejamos os assuntos que Guattari e Deleuze abordam, mostrando a dimensão do problema:

Os textos tocam uma grande variedade de temas: o teorema de Godel, a teoria dos cardinais transfinitos, a geometria de Riemann, a mecânica quântica, etc. Não obstante, as alusões são tão superficiais que o leitor que não possui um domínio prévio dos temas citados não poderá entender nada de concreto. E os leitores especializados encontram, na maioria das vezes, afirmações que não fazem sentido, ou que, quando aceitáveis, são fúteis e confusas (SOKAL; BRICMONT, 1999, p. 158, tradução nossa).

Os físicos reconhecem a importância de Deleuze e Guattari para a filosofia e sabem que eles não lhe atribuem o status de ciência; o que questionam é a utilidade filosófica de incluir o jargão científico (e pseudocientífico) de forma pouco clara em

⁸ Gilles Deleuze (1925-1995) nasceu em Paris e cursou filosofia na Sorbonne. O trabalho de Deleuze se divide em dois grupos: por um lado, monografias interpretando filósofos modernos ([Spinoza](#), [Leibniz](#), [Hume](#), [Kant](#), [Nietzsche](#), [Bergson](#), [Foucault](#)) e por outro, interpretando obras de artistas ([Proust](#), [Kafka](#), [Francis Bacon](#), este último o pintor moderno, não o filósofo renascentista); por outro lado, temas filosóficos ecléticos centrado na produção de conceitos como diferença, sentido, evento, rizoma, etc.

Felix Guattari (1930-1992) foi militante e revolucionário francês. Colaborou durante muitos anos com [Gilles Deleuze](#), escrevendo com este, entre outros, os livros *Anti-Édipo*, *Capitalismo e Esquizofrenia* e *O que é Filosofia?*

seus textos. Na opinião dos dois, esse recurso retórico dos franceses visa exibir uma erudição que na verdade não existe.

A título de ilustração da tese de Sokal e Bricmont, analisemos dois textos, um de Deleuze e outro de Guattari, também considerados por Dawkins em sua resenha do livro de Sokal e Bricmont⁹.

O primeiro, de Deleuze, foi retirado do livro “*Lógica do sentido*”:

Em primeiro lugar, as singularidades-sucessos correspondem a séries heterogêneas que se organizam num sistema que não é nem estável nem instável, dotado de uma energia potencial em que se distribuem as diferenças entre series. (A energia potencial é a energia do acontecimento puro enquanto que as formas de atualização correspondem às realizações do acontecimento). Em segundo lugar, as singularidades possuem um processo de autounificação, sempre móvel e deslocado na medida em que um elemento paradoxal ocorre e faz das séries, envolvendo os pontos singulares correspondentes em um mesmo ponto aleatório, e todas as emissões, todos os lançamentos, em um único gesto de lançar (SOKAL; BRICMONT *apud* DELEUZE, 1999, p. 166, tradução nossa).

O segundo, de Guattari, foi retirado do livro “*Chaosmose*”

Aqui se observa perfeitamente que não existe nenhuma correspondência biunívoca entre elos de significação linear ou arquiéscrita, dependendo do autor, e esta catálise maquinal multireferencial e multidimensional. A simetria da escala, da transversalidade e o caráter não discursivo de sua expansão: todas essas dimensões nos removem da lógica do terceiro excluído e nos reforçam no nosso desprezo pelo binarismo ontológico que criticamos previamente (SOKAL; BRICMONT *apud* GUATTARI, 1999, p. 19 e 20, tradução nossa).

Sokal e Bricmont classificam os textos deleuzianos de “umas frases ininteligíveis – as vezes banais, as vezes errôneas” (SOKAL; BRICMONT, p. 166, tradução nossa). E a impressão transmitida é esta: mesmo com leituras acuradas e seguidas, textos dos autores citados mesclam ciência e filosofia, entrelaçando os vocabulários das duas áreas e parecem vazios e gratuitos, só restando imaginar que foram propostos com o intuito de exibir uma erudição vazia.

O relativismo epistêmico na filosofia da ciência

Trataremos brevemente aqui, do segundo alvo de Sokal e Bricmont em *Imposturas Intelectuais*, o relativismo epistêmico, proposto por todos os autores previamente criticados e suportado por eles em conceitos da filosofia da ciência. Richard Dawkins, com sua tradicional sagacidade, aponta o problema e antecipa brevemente as críticas de nossos autores em seu *O Rio que Saía do Éden*:

⁹ Foi por meio da resenha “Postmodernism Disrobed”, do biólogo britânico Richard Dawkins, publicada no periódico *Nature*, que tomamos conhecimento da obra de Sokal e Bricmont: nela Dawkins está justamente, comentando os méritos do *Imposturas Intelectuais*.

Aponte-me um relativista cultural a 10 quilômetros de distância e lhe mostrarei um hipócrita. Aviões construídos com princípios científicos funcionam. Eles mantêm-se no ar e levam ao seu destino escolhido. Aviões construídos de acordo com especificações tribais ou mitológicas, tais como os aviões de imitação dos cultos de carregamento nas clareiras das selvas ou as asas coladas com cera de abelha de Ícaro, não funcionam. Se você estiver voando para um congresso internacional de antropólogos ou de críticos literários, a razão pela qual você provavelmente chegará lá – a razão pela qual você não se esborrachará em um campo cultivado – é que uma multidão de engenheiros ocidentais cientificamente treinados realizou os cálculos corretamente. A ciência ocidental, com base na evidência confiável de que a Lua orbita em torno da Terra a uma distância de 382 mil quilômetros, conseguiu colocar pessoas em sua superfície. A ciência tribal, acreditando que a Lua estava um pouco acima do topo das árvores, nunca chegará a tocá-la, exceto em sonhos (DAWKINS, 1996, p. 34, tradução nossa).

Nossos autores abrem a seção do livro em que criticam o relativismo característico da pós-modernidade citando o filósofo da ciência Larry Laudan em seu livro *Science and Relativism* em uma crítica tão ácida quanto a de Dawkins, mas um pouco menos apaixonada e poética. Fazemos proveito da citação que Sokal e Bricmont usaram para abrir o capítulo 3, não apenas pela clareza com que Laudan expõe o problema, mas também para evanescer a sombra de “cientistas pedantes” que desejam saber mais que todas as outras áreas do conhecimento, atribuída por resenhistas de jornais aos nossos autores.

A proposta do livro de Laudan é também mostrar que os relativistas epistêmicos não têm razões honestas para apoiarem-se nos estudos da Filosofia da Ciência, como parece indicar o simulacro feito da Filosofia da Ciência pós-positivista.

O livro de Laudan é um diálogo. Um diálogo entre os personagens fictícios Quincy Rortabender (relativista, autor de *Conhecimento como mito: as linhas gerais do etno-desconstrutivismo* e *Ceticismo sobre tudo exceto as ciências sociais: um guia pós-moderno*), Percy Lauwey (pragmático, autor de *Como consertar ideias quebradas*), Rudy Reichfeigl (positivista, autor de *Adequação empírica: quem poderia querer algo mais?* e de *Todos os homens da história da filosofia: grandes pensadores de Frege a Carnap*) e ainda de Karl Selman (realista, autor de *Contando como ele é*).

De acordo com o simulacro da ciência como a tocha que propicia conhecimento a todos e leva a humanidade a um progresso constante, desenhado por interpretações ingênuas de ciência, o positivismo reinou supremo por um século, de Comte a Carnap:

Então, a história prossegue e no início dos anos 60, o positivismo foi derrubado e substituído pelo que tem-se uniformemente sido chamado (exceto pelos especialistas da área) “filosofia da ciência pós-positivista”. (...)muitos que não são filósofos da ciência parecem acreditar que a filosofia da ciência contemporânea fornece potentes argumentos em favor de um relativismo radical sobre o conhecimento em geral e sobre o

conhecimento científico em particular” (LAUDAN, 1990, p. VII e VIII, tradução nossa).

Este ponto que é alvo da crítica do livro de Laudan, também é o do capítulo 3 do *Imposturas Intelectuais*, onde Sokal e Bricmont mostram ou que a apropriação das ideias da Filosofia da Ciência não se justifica ou que os problemas já aparecem nos próprios autores (Kuhn, Feyerabend, Quine). O livro de Laudan certamente foi objeto de estudo dos nossos autores, pois eles usaram como epígrafe do capítulo III do *Imposturas*, um trecho do prefácio do livro de Laudan, onde o objetivo do filósofo norte-americano é o mesmo que o de Sokal e Bricmont, mostrar que a Filosofia da Ciência não oferece nenhum suporte para o relativismo proposto pelos autores pós-modernos. Vejamos então a citação, tanto pela profundidade como para assegurar os fundamentos das observações dos nossos autores:

Entretanto, não escrevo este trabalho meramente com o objetivo de fazer uma exegese mais estrita. Meu objetivo principal é analisar aqueles nossos contemporâneos que – em atos repetidos de fazer de seus desejos realidade – têm se apropriado de conclusões da filosofia da ciência colocando-as em favor de causas sociais e políticas, obviamente que estas apropriações não podem se adaptar a estas causas. Feministas, apologistas religiosos (incluindo os “cientistas criacionistas”), contraculturalistas, neoconservadores, e outros curiosos “companheiros de viagem” pretenderam levar água vital para seus moinhos, fazendo proveito da incomensurabilidade e da subdeterminação das teorias científicas. A substituição de fatos e evidências por interesses subjetivos e perspectivas é – atrás apenas das campanhas políticas norte-americanas – a maior e mais pernicioso manifestação do antiintelectualismo da nossa época (LAUDAN, 1990, p. X, tradução nossa).

Sokal e Bricmont consideram que o espírito relativista da nossa época é resultado da leitura das obras *A estrutura das revoluções científicas* de Thomas Kuhn e *Contra o método* de Paul Feyerabend e de extrapolações cometidas por seus sucessores, ou seja, está suportado – quer com razão, quer não – em obras da Filosofia da Ciência.

Conclusão

Numa dada altura de seu *A crise da humanidade europeia e a filosofia*, o filósofo alemão Edmund Husserl faz um diagnóstico, e diz que as ciências humanas estão em crise; Husserl, que não é nada obscuro, afirma que a causa dessa crise é o naturalismo exacerbado. As ciências humanas estão em crise, porque seus especialistas, “ofuscados pelo naturalismo” (HUSSERL, 2008, p. 64) tentam transportar o método das ciências naturais (método de sucesso, que se funda na empiria, na redução ao físico-químico) para suas respectivas áreas.

Tudo aquilo que Sokal e Bricmont nos apontaram, tocam, no diagnóstico feito por Husserl. Todos os especialistas das humanidades citados, buscaram trazer para suas respectivas áreas, algo das ciências na natureza. E, com qual propósito? A

análise profunda e rigorosa de Sokal e Bricmont não deixa dúvidas: o de exibir erudição, para impressionar leitores leigos em assuntos científicos. Cada área do conhecimento tem seu valor, o diálogo é, muitas vezes, salutar, mas quando é forçoso ou inexistente, constitui uma impostura intelectual.

Nós acreditamos que qualquer trabalho acadêmico que se preze, que pretenda ser levado a sério pela comunidade acadêmica, deve primar pela clareza e pelo rigor e, conseqüentemente, evitar todo tipo de obscuridade, de ambigüidade e de suscetibilidade aos preconceitos e subjetividades daquele que escreve. A mesma França, que legou ao mundo as contribuições à matemática de Descartes, Pascal, Fermat, Fourier, Laplace, Poincaré e outros, atualmente proporciona ao mundo a contribuição dos pós-modernos. Essa “contribuição”, ainda que, obviamente, Lewis Carroll não conhecesse os pós-modernos foi externada de forma perspicaz e quase como um vaticínio por ele, na voz de uma de suas personagens, no seu romance infantil *Through the looking-glass*: “*When I use a word,*” Humpty Dumpty said in rather a scornful tone, “*it means just what I choose it to mean—neither more nor less*”¹⁰.

Referências bibliográficas:

CARROLL, Lewis. *Through the looking-glass*. New York: Editora Oxford University Press, 2004.

DAWKINS, Richard. *River out of Eden A darwinian view of life*. New York: Editora Perseus Book, 1996.

_____. Postmodernism disrobed. *Nature*, 394, p. 141-143, 9 de julho de 1998.

HUSSERL, Edmund. *A crise da humanidade europeia e a filosofia*. Tradução: Urbano Zilles. Porto Alegre: Editora PUC-RS, 2008.

LACAN, Jacques. *Écrits*. Tradução para o inglês: Bruce Fink. Nova York: Editora W.W. Norton & Company, 2006.

LAUDAN, Larry. *Science and relativism Some key controversies in the philosophy of science*. Chicago: Editora The University of Chicago Press, 1990.

SCHOPENHAUER, Arthur. *A arte de ter razão*. São Paulo: Editora Martins Fontes, 2009.

SOKAL, A; BRICMONT, J. *Imposturas Intelectuales*. Barcelona: Editora Paidós, 1999.

¹⁰ “*Quando uso uma palavra*” disse Humpty Dumpty em tom desdenhoso, “*ela significa apenas o que escolhi que significasse - nem mais nem menos*” (CARROLL, L. *Through the looking-glass*. New York: Editora Oxford University Press, 2004, p. 32, tradução e grifos nossos).